

O VÍCIO EM PORNOGRAFIA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS

Data de submissão: 16/10/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Fernanda Alves Baldim

Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá
<https://orcid.org/0000-0001-9621-3577>

Paulo José da Costa

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá
<https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

Artigo derivado da dissertação de Mestrado da primeira autora sob a orientação do segundo autor, defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO: No presente artigo, tem-se como objetivo evidenciar e discutir um fenômeno que se encontra camuflado socialmente, o vício em pornografia e sua relação com a adicção, principalmente através do consumo de material pornográfico *on-line*. Baseia-se em depoimentos encontrados na internet,

de pessoas que relatavam estar em situação de sofrimento devido ao uso desenfreado de conteúdos pornográficos. Foram analisados trinta e quatro depoimentos publicados na internet de sujeitos que se apresentavam como homens, na faixa etária entre 17 e 40 anos. A abordagem metodológica utilizada foi a de análise de conteúdo de Bardin, na perspectiva proposta por Roque Moraes, que gerou seis categorias temáticas: gatilhos silenciosos: das revistas à internet; vergonha, culpa e masturbação; fetiche e fantasia; a adicção e seus sintomas: a espiral da degradação; a (in)capacidade de amar; e o pedido de socorro. Os depoentes vivenciavam intenso sofrimento físico e psíquico, com repercussões que interferiam nas suas vivências cotidianas, em decorrência do uso excessivo de conteúdos pornográficos. A interpretação dos dados foi construída a partir da teoria psicanalítica, levando-nos à proposição de que a economia psíquica envolvida na adicção com a pornografia apresentou como finalidade minimizar as sensações de desprazer e evitar situações que promovessem tensão. Pondera-se que a busca desenfreada pela satisfação ocorria por meio de processos psíquicos primitivos, resultando em movimentos

autodestrutivos. Logo, o vício em pornografia foi entendido como uma manifestação de um modo de funcionamento psíquico não neurótico e reconheceu-se que o sofrimento gerado por essa modalidade de vício é de ordem narcísica.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia; psicanálise; vício.

THE PORNOGRAPHY ADDICTION: PSYCHOANALYTIC REFLECTIONS

ABSTRACT: In this article, the aim is to show and to discuss a phenomenon that is socially camouflaged, the pornography habit and its relationship to addiction, mainly through the consumption of online pornographic material. It is based on testimonials found on the Internet, from people who reported being in distress situation due uncontrolled use of pornographic content. Thirty-four testimonials published on internet were analyzed and the subjects, who presented themselves as men, aged among 17 and 40 years old. The methodological approach used was the Bardin content analysis, in the perspective proposed by Roque Moraes, which led to six thematic categories: silent triggers: from the magazines to the internet; shame, guilt and masturbation; fetish and fantasy; addiction and its symptoms: the spiral of degradation; the (in) ability to love; and the calling for help. The interviewees were experiencing intense physical and mental suffering, with repercussions that interfered in their daily experiences as a result of excessive use of pornography. The data interpretation was built from the psychoanalytic theory, leading us to the proposition that the psychic economy involved in addiction with pornography had intended to minimize the feelings of displeasure and avoid situations that promote tension. It considers that the passionate search for satisfaction occurred through primitive psychic processes, resulting in self-destructive movements. Soon, pornography addiction was seen as a manifestation of a non- neurotic psychological functioning and it was recognized that the suffering caused by this addiction mode is from narcissistic order.

KEYWORDS: Pornography; psychoanalysis; addiction.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, pretendemos evidenciar e discutir um fenômeno que se encontra camuflado socialmente, o vício em pornografia e sua relação com a adicção, principalmente através do consumo de material pornográfico *on-line*. Baseia-se em depoimentos encontrados na internet, de pessoas que relatavam intenso sofrimento devido ao uso desenfreado de conteúdos pornográficos.

Vale ressaltar que consideramos a pornografia como um fenômeno histórico que engloba o erotismo, uma vez que ambos compreendem uma gama de expressões humanas em movimento que se manifestam em forma de vídeo, filme, fotografia, obras de arte, literatura, áudio e apresentações teatrais, cujo intuito é instigar reações corporais sexuais por meio do desnudamento do corpo, das perversões sexuais ou da referência à subversão de valores social e culturalmente construídos, isto é, o estímulo sexual por intermédio do obsceno (elementos socialmente repudiados: o desnudamento do corpo, a exibição dos genitais etc.; ou seja, tudo que não deveria ser evidenciado na esfera pública).

Ao discutirmos tal fenômeno pelo viés da adicção, consideramos que esta pode ser compreendida, resumidamente, como um estado de dependência psíquica e/ou biológica de algum objeto, ou seja, ela evidencia uma vinculação intensa entre um sujeito e um objeto; nesse caso, entre o consumidor e a pornografia. É a intensidade com que o sujeito consome o objeto e a maneira como se vincula a ele que indicará as repercussões no seu psiquismo e nas relações interpessoais.

Optamos por abordar o estado de dependência, uma vez que os depoimentos, como se verá posteriormente, evidenciam comprometimento psicológico, afetivo e profissional em decorrência do intenso consumo de pornografia, acarretando, conforme Gurfinkel (1995), dificuldades no trabalho, no relacionamento interpessoal, na perda de interesse por atividades até então importantes, com o objeto adicto (no caso, a pornografia) predominando na vida do sujeito. Ademais, é preciso ponderar que os dependentes de pornografia não encontram lugares socialmente aceitos para tratar de seu sofrimento. Comumente, são rotulados como tarados, ou perversos sexuais, e tratados com repugnância e indiferença por parte da comunidade, e não como alguém em sofrimento. Em consequência, o julgamento dificulta que tais sujeitos solicitem ajuda, ou relatem a sua problemática de modo mais aberto.

Durante o processo de uso constante da pornografia, quando culmina na constituição de um vício, ou adicção, destaca-se que o objeto pornográfico, de início, é utilizado como um meio de entretenimento. Mas, com o passar do tempo, por razões inerentes a cada sujeito, o nível de entretenimento é ultrapassado, gerando uma necessidade a partir da qual o indivíduo se mostra enclausurado pelo objeto, na condição de dependente.

Embora abordemos o vício em pornografia como uma modalidade de adicção, Castelo Filho (2012) reflete que nosso contexto atual está marcado por impasses outrora já experimentados, que se manifestam por intermédio de novas roupagens. Isto é, o vício por objetos (drogas, sexo, jogos etc.) sempre existiu na história da humanidade. Entretanto, ao longo do tempo, os sintomas se modificam e se expressam de diferentes maneiras. Aqui destacamos o vício em pornografia, em particular a pornografia *on-line*, como uma nova roupagem que necessita ser melhor entendida, considerando a forma como o sujeito atual se vincula à pornografia virtual, pois, enquanto um sintoma, evidencia conflitos inconscientes.

A pornografia sempre esteve disseminada entre pessoas e submetida ao controle do comércio midiático. Contudo, antigamente, apenas parcela da população tinha acesso a tais conteúdos, principalmente homens com poder econômico (Leite, 2012). Atualmente, a pornografia ainda é um produto repudiado e mal afamado socialmente, mas, segundo Gaspar e Carvalheira (2012), com a internet houve notório crescimento no consumo de material pornográfico, visto que para a sua utilização não se faz necessária identificação prévia, ou seja, qualquer pessoa – homens, mulheres, crianças e adolescentes – pode fazer uso e ser preservado no anonimato, longe do olhar social.

No que se refere ao aumento do consumo de pornografia em consequência da internet, Gaspar e Carvalheira (2012) afirmam que 25% das buscas realizadas *on-line* correspondem a páginas que continham material pornográfico e 35% dos *downloads* efetuados são de cunho pornográfico. Os autores compreendem que esses dados resultam de que a pornografia pode ser consumida no anonimato. Dados semelhantes também são apontados por Parreiras (2012). Informações referentes a 2017 corroboram os percentuais acima indicados, com destaque para o aumento na oferta de material pornográfico na internet, evidenciando que o consumo desse tipo de produto vem crescendo a cada ano (Faria, 2018; Orenstein, 2017; Real, 2017; Silver, 2018). Segundo Fernandes (2020), em 2020 houve um aumento de 24,4% no consumo de pornografia na internet, em relação ao ano anterior, com o Brasil ocupando a 11^a posição entre os 20 países responsáveis por 79% dos acessos diários.

Logo, parece evidente que o notório uso de pornografia está associado ao desenvolvimento das novas tecnologias, como a internet, pois a criação de materiais que envolvam conteúdo pornográfico tornou-se facilitada, pois basta um clique para navegar no universo do sexo. Embora no passado o consumo demandava por identificação de alguém que permitisse um sujeito, com maioridade penal, a fazer uso do material, com o advento da internet, qualquer pessoa, inclusive crianças e adolescentes, não necessita comprovar sua faixa etária para acessar conteúdos virtuais, fazendo-se necessária apenas uma ferramenta, como computador, celular, *tablet* etc., capaz de conectar à rede virtual para ingressar em qualquer modalidade de conteúdo *on-line*. Assim, alicerçado na certeza do anonimato, os sujeitos se sentem desinibidos para desfrutar dos conteúdos que encontram no ambiente virtual, sem a preocupação de um julgamento ou restrição. Contudo, essa facilidade de acesso à pornografia *on-line* por parte de crianças e de adolescentes pode interferir no desenvolvimento psicosssexual, em função do contato com esses conteúdos para os quais não estão preparados e pela falta de suporte que os ajudem a entender tais demandas, bem como dificulta que entendam certos limites sociais e que os estimule a aprender a conviver com a postergação do prazer e o conseqüente desprazer.

Nesse sentido, Woods (2015) pondera que a internet instiga na criança fantasias onipotentes, uma vez que por meio de uma tela se torna possível ver/ter tudo sem restrições e interdições, com conseqüências no plano intrapsíquico. Galatzer-Levy (2012) observa que a internet está modificando várias diretrizes no que concerne à vida erótica, principalmente, em relação à intimidade, pois os meios de comunicação são acessados, normalmente, no quarto das crianças/adolescentes em suas próprias camas, ou seja, o relacionamento íntimo se dá com uma máquina que fornece satisfação no campo imaginativo.

Wood (2014) aborda o uso da internet, apresentando-a como um local propenso a acolher projeções, devido a sua versatilidade e a ambientes capazes de fornecerem espaços aos sujeitos que desejem se expressar. No entanto, aponta a fragilidade dessas localidades, pois embora elas aparentemente existam, a própria virtualidade se molda

conforme o uso que o sujeito faz dela, criando uma falsa sensação de vinculação e acolhimento. Portanto, a virtualidade dispõe de mecanismos para a satisfação de desejos, que podem oscilar de atendimento a demandas em prol de um coletivo ou da destrutividade, justamente por despertar nossa natureza polimorfo-perversa. O autor também compara a internet a um catalisador, pois ela pode amplificar os resultados de seu uso, afetando as funções egóicas de alguns sujeitos, devido estimular a manifestação de defesas maníacas e, como resultado, dificultar o modo de funcionamento psíquico depressivo, mais integrador.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Os dados foram coletados a partir de depoimentos de sujeitos que buscam algum tipo de ajuda na internet para combater a adicção em pornografia, encontrados por meio do portal *Google* através dos termos de busca “vício em pornografia”, “história de viciados em pornografia” e “relatos de viciados em pornografia”. Encontramos milhares de páginas relacionadas à temática, mas seria inviável consultar todos os *links*. Em princípio, aleatoriamente restringimos aos primeiros resultados encontrados nas três modalidades descritas acima, e adotamos três critérios para a seleção: a) relatar a história de vida do sujeito em torno do vício; b) descrever a dimensão sintomatológica da adicção em pornografia; c) evidenciar o sofrimento psíquico resultante do uso desenfreado desse objeto.

A partir desses critérios selecionamos trinta e quatro depoimentos, nos quais as pessoas se identificavam por pseudônimos, que indicaremos entre parênteses, sempre que os citarmos posteriormente. Além disso, os sujeitos se identificavam como sendo homens, heterossexuais, entre dezessete e quarenta anos. Segundo eles, a duração média do uso de pornografia seria de onze a quinze anos.

A análise desse material possibilitou a identificação dos conteúdos que foram agrupados em categorias temáticas, por meio da análise de conteúdo de Bardin, conforme proposta e adaptada por Moraes (1999), com a interpretação dos dados construída a partir da teoria psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as leituras sucessivas dos depoimentos foram emergindo unidades de registro, a partir das quais consolidaram-se seis categorias temáticas, que correspondem à tentativa de entendimento dos fenômenos que atravessam o discurso dos depoentes, bem como dos elementos que dificultam a interrupção do uso desenfreado da pornografia. As categorias foram nomeadas como: 1) Gatilhos silenciosos – das revistas à internet; 2) Vergonha, culpa e masturbação; 3) Fetiche e fantasia; 4) A adicção e seus sintomas – a espiral da degradação; 5) A (in)capacidade de amar; e 6) O pedido de socorro.

Optamos por manter os relatos em sua forma original, isto é, citando-os inclusive com

os erros gramaticais e outros detalhes inerentes às narrações. Além disso, consideramos as informações contidas nos depoimentos como fidedignas em si, independentemente de serem verdades factuais ou não, uma vez que foram expressas de determinado modo e livremente. Portanto, possuem valor de realidade para o sujeito que enunciou tal discurso, pois manifesta o sentido e o significado que o próprio indivíduo lança ao seu sofrimento e a sua história. Em outras palavras, expressa uma realidade no modo de funcionamento psíquico daquela pessoa, onde a fantasia se entrelaça com a realidade.

1) Gatilhos Silenciosos: das revistas à internet

É possível afirmar que as novas tecnologias estão diretamente implicadas no vício em pornografia, pois algumas postagens evidenciam que a chegada da internet foi um estímulo crucial no ingresso ao consumo desmedido do material pornográfico, por permitir o acesso irrestrito, em qualquer momento, ou local. Mas nem sempre foi assim.

Segundo os depoentes, o primeiro contato com a pornografia aconteceu quando eram menores de idade, através de revistas, fotos ou vídeos VHS dos próprios pais, de colegas e de bancas de revista. Sabiam que tais conteúdos não eram indicados para seu consumo em função da idade e alguns sentiam-se inibidos na missão em buscar os materiais. Outros, porém, ao conseguir acesso ao material, sentiam-se vitoriosos e detentores de um segredo referente à sexualidade.

... lembro-me de ter me deparado com minha primeira foto porno aos 12 anos ... cara aquilo foi uma descoberta de mina de ouro pra mim ... eu sou da época da playboy ... e meus pornôs foram fitas VHF época do Vídeo K7... peguei a época de banda larga de 10 anos pra cá.... mas ainda assim essa desgraça me arreventou... (Bereta).

... eu entrei para o vício logo na adolescência. Aos 11 anos lembro-me de ter ganhado de presente uma revista de mulher pelada, mas até aí nada de mais. O problema mesmo veio aos 12 com a internet. ... mesmo sem saber disso na época, tenho para mim que já estava completamente viciado em pornografia. A internet era o meu refugio. (Projeto).

... comecei a ver revistas e dvdspornográficos com meus amigos de rua, esse foi o começo da minha destruição... Mas com a chegada de um PC na minha casa e a descoberta dessa combinação perversa, posso dizer que foi o início do meu fim. (Paz).

Temos a impressão de que tais sujeitos, ao serem expostos à pornografia na infância e início da adolescência, foram vítimas do excesso; isto é, foram expostos a estímulos aos quais eram incapazes de compreender e de lidar com eles, por não estarem preparados psicologicamente em função da magnitude dos elementos que a pornografia expressou nas suas subjetividades. Todavia, quando adultos, conseguem discernir que tal contato foi o início de seu ingresso na dependência.

A velocidade na obtenção de informações na virtualidade apresenta duas facetas.

Se por um lado há rapidez no acesso a conhecimentos, informações e lazer, por outro, como no caso do vício em pornografia, favorece à utilização de forma irrestrita na tentativa de suprir necessidades e ausências, como objetos substitutivos, que lançam os sujeitos em situações de intenso sofrimento.

... quando iniciei meu processo de enclausuramento havia apenas uma coisa que me dava prazer: a pornografia na internet. ... De início, apenas me interessava por pornografia leve, mas com o tempo isso já não bastava, e fui aos poucos mergulhando mais e mais fundo nesse mundo tão excitante e solitário ao mesmo tempo... E também vivenciava as minhas primeiras experiências afetivas, com namoradas e ficantes. No entanto, o que realmente me excitava eram as imagens e vídeos pronográficos que a internet me apresentava, gratuitamente, no momento em que eu quisesse, a apenas alguns cliques de distância. (Sputnik).

2) Vergonha, culpa e masturbação

Alguns elementos se destacaram na narrativa dos sujeitos, como o sentimento de vergonha e culpa que tangenciam a masturbação, pois durante e após praticarem o ato sentem-se envergonhados e, muitas vezes, culpados. A culpa se relaciona a algum comportamento recordado, que desafiou uma lei e a própria formação psíquica (Peres, 2001). Freud (1930/1996c) pontua que esse sentimento decorre de que todo sujeito possui em si pulsões agressivas, mas, devido à moralidade, não pode destiná-las a outras pessoas. Como forma de preservação do ambiente social, por vezes o sujeito volta a agressividade para si, internalizando-a. Psicodinamicamente, ela poderia ser compreendida como um conflito entre as demandas do superego e do ego, num embate que põe "... em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos" (p. 127).

A vergonha seria uma força anímica introduzida no período de latência que precede a puberdade (Freud, 1905/1996a), onde ocorrem intensas mudanças corporais e transparece a mensagem de que o corpo está se desenvolvendo e se tornando capaz de relacionar-se sexualmente com outra pessoa. Contudo, a civilização determina normas e limites para a satisfação e consolidação do ato sexual e, nesse sentido, a vergonha seria uma força que trabalha como resistência ao escoamento libidinal, sendo fundamental no processo civilizatório. Em outro aspecto, o sentimento de vergonha poderia ser encarado como um sintoma, que se expressa por meio do reprimido ao agir como seu substituto (Freud, 1905/1996a). Logo, a vergonha seria um sintoma que representaria o sofrimento gerado pela passagem do reprimido.

Conforme sinalizado pelos sujeitos, tais sentimentos decorrem do ato repetido do consumo de pornografia e, principalmente, da prática masturbatória: *"Aos 16, foi quando comecei a ter vergonha de mim mesmo... Foi uma época em que eu percebi que a*

masturbação era algo humilhante e estava determinado a parar...” (Projeto). Ou ainda: “Mas me masturbava MUITO, geralmente fantasiando no banheiro ou assistindo TV. ... Era todo dia! ... E, por ter uma criação e uma vida religiosa (católica), me sentia muito mal com a masturbação, vista como pecado.” (Fabsjoia).

É possível supor que, para esses sujeitos, a intensificação da masturbação e o consumo excessivo de pornografia podem ter sido ocasionados por efeito de vários fatores, como a baixa autoestima e a insegurança. Embora esses elementos possam ser encontrados em diversos momentos ao longo de toda a vida do sujeito, comumente a pornografia e a masturbação vigoram, principalmente, no início e durante na adolescência, etapa esta demarcada por alternâncias emocionais e atitudes instáveis. Diante disso, a pornografia surge como um caminho rumo ao prazer e autodescoberta. Todavia, alguns se fixam nessa forma de estimulação e de descoberta, tendendo a se desorganizar e perder o controle no uso do objeto.

Só poder ser a pornografia e a masturbação. ... Ou seja, eu não tinha certeza, mas por dedução (por já haver tentado de tudo) eu enfim me dei conta de que podia ser a pornografia que estava me afundando... Minha adolescência foi uma porcaria. Uma baixa autoestima contumaz e uma falta de impulso e confiança para lidar com as garotas, tudo isso me conduzia ao que me restava de “experiência sexual”: a masturbação com pornografia ou mesmo a masturbação imaginando garotas que eu queria ... A masturbação nos enche de vazio (Magrão).

Considerando o sofrimento gerado pelo excesso de pornografia e de masturbação, parece-nos possível supor que esses sujeitos, tendo em vista a primazia do autoerotismo na busca pela satisfação sexual, parecem apresentar uma constituição psíquica frágil, com predominância de elementos primitivos que não foram metabolizados.

3) Fetiche e fantasia

Determinados sujeitos afirmaram sentir prazer apenas por intermédio do uso da pornografia. Alguns, embora tivessem relações sexuais, não conseguiam obter a satisfação, sendo esta encontrada sobremaneira pela fantasia no ato de utilizarem a pornografia. Assim, esta foi pensada como objeto de fetiche por representar a excessiva exclusividade na obtenção de prazer e na relação dos depoentes com ela.

Há evidências que permitem afirmar que esses sujeitos não se impulsionam na tentativa de construir um ato de prazer com outra pessoa, uma vez que a fantasia presente no ato autoerótico lhes seria suficiente, como, por exemplo: *“Já tive a oportunidade de namorar com muitas garotas, porém sempre rejeitei, pois pra mim o prazer que eu estava tendo com a pornografia e masturbação já bastava pra mim.” (lucasfsdf).*

Nesse sentido, a atividade fetichista acontece quando um objeto sexual que possibilita o coito, é substituído por outro que não concede elementos para a relação

sexual (Freud, 1905/1996a). Logo, a prática fetichista ocorre na ocasião em que só se alcança o prazer por meio de objeto específico e se fixa em um determinado objeto de fetiche, independente de outro sujeito e do alvo sexual. E nos depoimentos, os usuários demonstram que consideram a pornografia um objeto de satisfação que lhes é sentido como exclusivo, visto que obtêm a satisfação somente mediante o seu uso, sem a presença de um outro sujeito como alvo sexual: “... *me atolei mais e mais na P [pornografia] ... O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres*”. (nofapwinner). Ou ainda:

A pornografia me jogou desde a adolescência num ciclo que é o seguinte: não busco experiências reais porque não tenho vontade e motivação e, além disso, tenho DE [Disfunção Erétil]=> Como tenho DE e não sinto vontade de ter experiências reais como uma mulher, fico na mesma, onde estou, com o xvídeos ... e eu volto para a pornografia e a masturbação obsessiva. Sinto que com a pornografia eu tenho algo que me dá satisfação e prazer. Sem ela eu me anulo... (Zé).

Observamos que a presença do objeto com características fetichistas é responsável por redirecionar a libido, que outrora buscaria o relacionamento com outra pessoa como alvo sexual, e a desloca a pontos de fixação, onde os sujeitos sentem-se aprisionados.

... eu assistia porno mesmo namorando com ela (ela não sabia), e sim, cada vez minha libido ficava mais “seletiva”, em busca de categorias mais específicas de pornografia. Sem elas não tinha ereção. ... comecei a ficar com uma garota, porém não tinha ereção nenhuma ao beija-la. Também não sentia desejo sexua.... (Azured).

O pornô era a solução mágica para escapar de um mundo de problemas infundáveis. Até que notei que o tempo que passava consumindo, o gênero e a qualidade das excitações não eram as mesmas. ... Aos poucos eu fui passando dos vídeos para as fantasias mentais no meu novo mundo de masturbador compulsivo. (Lion (Cassiano)).

Eu sei como é ter fetiches. eu tenho muitos, desde os simples até os bizarros. Exemplos: grávidas, travestis, urina, corno, zoofilia, pedofilia. e várias outras coisas... Eu fui desenvolvendo esses fetiches conforme me viciava mais em porno, ... tudo pra conseguir mais variedade e mais prazer na pmo (Projeto renascimento).

A partir do exposto, evidencia-se que o ambiente virtual favorece aos sujeitos o encontro com as mais variadas modalidades sexuais, desde a pornografia tradicional até as mais específicas, permitindo a ampliação do consumo de diferentes categoriais pornográficas, favorecendo o retorno do polimórfico perverso, na obtenção singular de prazer e na dessensibilização no relacionamento com outras pessoas.

4) A adicção e seus sintomas: a espiral da degradação

Nosso intuito aqui é o de apresentar a sintomatologia psicológica, física e social, gerada no vício em pornografia. Nesse sentido, podemos destacar que os depoentes afirmam que o uso constante e imoderado de pornografia gera sintomas, como: desmotivação em desempenhar atividades cotidianas, procrastinação das tarefas, depressão, isolamento social, ansiedade, pensamentos suicidas, agressividade, irritabilidade, insônia, negligência na alimentação com alteração de peso (uns afirmam ter engordado, ao passo que outros emagreceram), dessensibilização peniana, disfunção erétil, ejaculação retardada, rebaixamento da libido e imaturidade. Embora tais sintomas sejam relatados em maior ou menor grau na maioria dos depoimentos, destacamos a seguir um que ilustra essa realidade:

Desmotivação, muito na procrastinação, apatia, falta de energia, isolamento social, estava muito antissocial mesmo! Desenvolvi fobia social/ surto de pânico e ansiedade! Ficava com medo de me envolver com as mulheres (coisa que não tinha antes de me viciar em P), medo de conhecer gente, etc. Me isolei na merda, depressivo, com pensamentos suicidas, fiquei altamente solitário, agressivo, com insônia, me alimentando mal, fiquei magro, abaixo do peso, peguei pesado na P e nas bebidas e nos cigarros. Me ferrei nos estudos. E me atolei mais e mais na P. - Me ocorreu uma dessensibilização no pênis. Comecei a ter ejaculamento retardado e princípio de disfunção erétil. ... Eu sei que todos esses sintomas não foram causados diretamente pela P. Mas a P aumentou absurdamente os efeitos dessas coisas. Diria que o envolvimento social e a parte relacionada a sexualidade foram as mais afetadas (nofapwinner).

Ademais, os sujeitos ponderam que o uso excessivo de pornografia na adolescência, gerou severas alterações comportamentais e quadros de imaturidade no convívio social.

Minhas notas a partir de então desmoronaram e me tornei um completo crápula, o tipo mais besta, mais irritante que pode haver (para vocês verem como a pornografia, inclusive, torna o adolescente imaturo ao extremo)... Perdi contatos, colegas, oportunidades de crescimento, de convívio ...perdi tudo. Tudo. (Justiceiro do Sertão).

Os sujeitos revelam a ritualização no consumo de pornografia, sendo que o momento de uso mais frequente ocorre na madrugada ou a noite, antes de dormirem e posterior aos familiares repousarem; ou seja, desejam privacidade e estar fora de alcance social. O medo em ser descoberto se torna tamanho, que é comum entre os adictos a criação de pastas ocultas e a utilizações de tecnologias de memória portátil (*pen drive*, HD externo). Em outros casos, os sujeitos buscam por estímulos pornográficos independente de lugar e horário, inclusive produzindo risco a si mesmos ou à sociedade, como no exemplo a seguir: “*O maldito hábito era crescente e chegava às raias da loucura. Quantas vezes não assisti a vídeos pornográficos no trabalho ou mesmo cheguei a dirigir assistindo a um vídeo pornográfico pelo meu celular!*” (M. Mystère).

Os depoentes também demonstram vivenciarem a sensação de estarem sendo

dominados pela pornografia, pois perdem o controle na seleção de estímulos sexuais, ocasionando sofrimento no ato da procura, no consumo e após:

Sou hétero, mas já busquei de tudo na internet...comecei por sexo convencional, orgias, depois parti pra P gay, canibalismo, teens... Não quero mais ser escravo... Já saí com mulheres e falhei na hora H, e hoje sei com 100% de certeza que foi por causa da maldita P (doidan).

A dificuldade apontada em se desvincular da pornografia se assemelha a quadros de adicção por drogas, pois nota-se a presença da síndrome de abstinência:

Conseguí ficar uns 70 dias sem o vício, porém eu não entendia o porque de eu sentir tanta coisa na abstinência, ... e agora posso entender que o que sinto é fruto da abstinência, tipo mal humor, sonhos eróticos, tratar mal as pessoas que mais amo, desânimo, vontade de me masturbar assim que acordo, dentre outras coisas (vencedoremcristo).

Bati de frente com o vício e não esperava o que estava por vir, não conseguia passar 2 dias sem me masturbar, ficava criando mentiras na minha cabeça do tipo "a só uma hoje e depois eu paro", "a eu bati ontem mesmo entaonao perdi nenhum dia, não custa bater uma hoje, ai amanhã eu paro" e isso durante um bom tempo (Lee).

Os pensamentos repetitivos invadem o psiquismo desses sujeitos, pois eles sabem que, ao consumir o conteúdo pornográfico, ao menos por alguns instantes, sentirão o rebaixamento de suas tensões e um pouco de satisfação.

5) A (in)capacidade amar

Esse eixo temático é derivado do anterior, mas preferimos trata-lo separadamente porque identificamos nas postagens variadas alusões ao amor, por meio da dificuldade em amar tanto as outras pessoas, como a si próprios. Isto nos levou a resgatar Freud (1930/1996c), ao considerar que, para qualquer sujeito obter a realização pessoal, é necessário amar e trabalhar. Estes fatores encontram-se comprometidos na adicção em pornografia. Mas afinal o que seria o amor? Podemos pensar sobre isso, recorrendo a Freud (1914/2004), quando discorre a respeito do narcisismo secundário, afirmando que uma relação afetiva vai além do autoerotismo, isto é, ocorre quando um sujeito lança sua libido para um objeto e obtém seu retorno. Apesar do amor estar intimamente relacionado a idealizações e projeções influenciadas pelas satisfações vivenciadas na tenra infância com seus cuidadores, o amor se destinaria a um objeto isento de interdições sociais, ou seja, livre da possibilidade de parricídio e de incesto.

Partindo dessas ponderações, podemos constatar nos depoimentos que a capacidade de estabelecer vínculos afetivos dos adictos em pornografia se deteriora, uma vez que não conseguem se desvencilhar do autoerotismo, que os direciona a uma espécie de aniquilamento. Assim, o vício por material pornográfico atua diretamente na perda da libido direcionada a outrem e da capacidade de manifestar e desenvolver sentimentos

próprios de uma relação.

... nunca consegui amar profundamente as namoradas que tive... e eu enjoava... tinha baixa de libido.... enfim terminava o relacionamento e lá estava eu denovo no pornô, foi indo eu comecei a sair atrás de mulheres apenas para sexo... era transar uma vez e pronto já perdia o interesse... o sentimento pra min não existia mais... e eu pensava..."eu perdi a capacidade de amar"... desenvolvi depressão... fobia de pânico ... de qualquer forma vejo que um dos problemas ... foi o fato de eu associar esse inferno de pornografia no meio dos meus relacionamentos (Bereta).

Ficava com medo de me envolver com as mulheres (coisa que não tinha antes de me viciar em P), medo de conhecer gente... - O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres... Diria que o envolvimento social e a parte relacionada a sexualidade foram as mais afetadas (nofapwinner).

Observamos que, quando se está em um ciclo de repetição, a pornografia se apresenta como uma saída exclusiva capaz de proporcionar um pouco de prazer. Nas postagens notamos que, em virtude do uso pornográfico, alguns sujeitos desenvolvem problemas de ereção e ejaculação (disfunção erétil e ejaculação retardada), fatores que psicologicamente se tornam um obstáculo na tentativa de romper a repetição na busca de uma relação sexual concreta entre pares. Mas mesmo quando não acontece esse tipo de problema, a relação sexual com alguém não é suficiente, mantendo-se a primazia autoerótica e a repetição.

... meus relacionamentos afetivos eram ridículos e eu me tornei uma pessoa cruel... Aos 16, foi quando comecei a ter vergonha de mim mesmo, senti que precisava de uma namorada e decidi parar com a pornografia e masturbação pela primeira vez... Com 17 anos comecei a namorar e a ter uma vida sexual ativa. Aliás, o meu pensamento para justificar a pornografia antes desse período era de que quando eu fizesse sexo eu não iria mais querer assistir pornografia... Obviamente que mesmo com o namoro e com uma vida sexual normal, esse hábito não terminou. Ao contrário, só foi piorando ao longo dos anos, (Projeto).

Desse modo, verificamos a duplicidade do desejo. Se por um lado os sujeitos anseiam por um enlace afetivo com outrem, por outro rechaçam qualquer possibilidade efetiva de sua concretização. Supomos que, inconscientemente, os adictos se utilizam de mecanismos defensivos para impossibilitar sua vinculação, que podem ser representados pela autodepreciação, por sentimentos de vergonha e culpa, dentre outros. Assim, a adicção em pornografia se apresenta como um vício solitário que dificulta a consolidação dos relacionamentos sociais e afetivos, por evocar mecanismos defensivos que dificultam a superação do sintoma; ou seja, os sujeitos sentem que embora a pornografia lhes ofereça poucos recursos de satisfação, ainda lhes propicia algum, e qualquer tentativa de ruptura desse ciclo é enfrentado com muita tensão e angústia.

6) O pedido de socorro

Nessa categoria procuramos evidenciar o pedido de socorro expresso pelos sujeitos, que se encontram em situação de sofrimento, em função do uso excessivo da pornografia. A experiência de ser dependente de um objeto pornográfico resulta em sintomas, que influenciam diretamente a maneira com que o usuário de pornografia se vincula com o meio em que convive, como destacamos anteriormente. É notório o sentimento de desamparo e de solidão, suscitados pela toxicidade do objeto. Os depoentes se queixam da falta de uma rede compreensiva, de apoio governamental, de assistência médica e psicológica adequadas a sua causa.

Cara foi um inferno por 6 meses ... comecei a ir a um terapeuta e eu falei pra ele que tinha problema com pornografia ele falou que não era problema que se eu evitasse seria pior pois estaria matando o "homem" em mim. Mano até então foi beleza... com ajuda de um psiquiatra eu comecei a ficar de boa... tomando remédios... mas mesmo assim no pornô tava lá... (Bereta).

Perante a dificuldade em conseguir auxílio efetivo para a sua dificuldade, os sujeitos buscam algum tipo de ajuda na virtualidade, ao menos para expressar as suas angústias e os seus medos, provocados pela sua relação de dependência. A procura pelo ambiente virtual nos parece ser um pedido desesperado de alcançar visibilidade para o seu sofrimento. No geral, os depoentes sentem-se inibidos e negligenciados quando procuram auxílio junto aos amigos, parentes e serviços de saúde, devido ao julgamento moral presente no contexto social. Mas quando se sentem aceitos, não julgados, parece haver a possibilidade de uma certa abertura para vislumbrar uma saída.

Comecei a pesquisar sobre o vício em pornografia, e ..., foi quando quase desistindo encontrei o blog, li a pagina inicial, e vi os comentários, entrei no forum e comecei a ver alguns relatos, e era como se eu estivesse contando minha historia em tópicos picados, meu coração se encheu de alegria em descobrir o que me destruía por dentro e ver que muitos estavam conseguindo se libertar e ter uma vida feliz... gostava de ler a parte dos relatos onde pessoas superaram o vicio maldito de PM... Vi que se eu não agisse logo acabaria com a minha vida, foi quando fiquei 8 dias sem me masturbar, isso entrando todos os dias aqui, reforçando meu objetivo e lendo os benefícios e os males que essa desgraça traz a nossas vida. ... preciso de ajuda, não aguento mais essa situação, sofro demais com isso e vejo que não estou sozinho nessa luta. (Lee).

A PROCURA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Procuramos tecer algumas considerações interpretativas sobre os conteúdos apresentados, através dos eixos temáticos, com o propósito de construir uma compreensão, criando algumas leituras possíveis sobre o vício em pornografia. Contudo, temos ciência de que não conhecemos profundamente a história particular e o modo como cada depoente a

vivenciou, pois eles se preservam no anonimato. Mas conhecemos como eles se manifestam em suas postagens na internet, as quais tomamos como fidedignas porque são narrativas de sujeitos sobre suas próprias vidas, sem a preocupação de serem reconhecidos. Se as postagens, tal como as examinamos, foi a forma que encontraram para tornar possível a expressão de um discurso sobre suas vivências com a pornografia, então essas narrativas contêm a verdade desses sujeitos, ocultas ou explícitas, reais ou imaginárias.

De acordo com Costa (2011), vivenciamos um momento histórico revolucionário, em função dos avanços tecnológicos, principalmente os de comunicação, que exigem que nos adaptemos a eles. A internet, por exemplo, possui poder de influenciar nosso psiquismo por redefinir elementos estruturantes, tais como nossas percepções de tempo e espaço (Hall, 2005). Vivenciamos ainda um movimento de ruptura dos hábitos e valores sociais, que favorece a emergência de sentimentos de angústia no sujeito. Diante de tantas mudanças, a matriz simbólica (Minerbo, 2013) se torna vaga, sendo que o adulto passa a ter dificuldade em apresentar esse novo mundo às novas gerações. Nesse sentido, Minerbo (2013) assegura que a constituição de cada sujeito é influenciada por instituições presentes na cultura, como a família, a igreja, a escola, dentre outras. No início da vida, esse sujeito é cuidado por seus responsáveis, que pertencem a uma rede simbólica e que gradualmente o inserem nas instituições, fornecendo informações necessárias para que ele possa significar o mundo que o cerca. A essa função de apresentar o mundo a um ser, segundo a autora supracitada, nomeia-se de função simbolizante, que se refere ao ato de criar, reproduzir símbolos e de destinar significado à existência humana, bem como de integrar experiências.

De acordo com Minerbo (2013), a função simbolizante está relacionada com a função materna, que é realizada pela figura materna ou por seus substitutos. No entanto, nota-se que em alguns casos os responsáveis não fornecem sentido às ansiedades experimentadas pela criança/bebê. Como consequência, os símbolos e sentidos não são integrados ao psiquismo, gerando falhas na constituição de seu ego, comprometendo a função simbolizante. Esse tipo de falha “... lança o sujeito num vazio de significações.” (Minerbo, 2013, p. 89). Nessa perspectiva, Costa (2011), Costa (2013) e Ceccarelli (2011) também afirmam que nas circunstâncias em que o cuidador não consegue acolher e destinar sentidos às situações dolorosas do bebê, pode dificultar a criação de sua rede simbólica. Nesses casos, os sujeitos se veem impedidos a preencher as lacunas de sua constituição e, por isso, recorrem a objetos substitutivos, seja a pornografia, as drogas lícitas ou ilícitas, os jogos, dentre outros – que são sentidos pelos adictos como continentes, ou seja, funcionam com uma lembrança do cuidador da infância, que foi deslocada a um objeto e permite aos sujeitos sobreviverem psiquicamente (Ceccarelli, 2011). Todavia, a tentativa de realizar integrações de vivências passadas é frustrada, pois o objeto atual não conseguirá suprir a falha básica.

Constatamos que a adicção nos é explicada pela tentativa do sujeito em não

se sentir só, sendo a conduta adictiva uma resposta fornecida pelo psiquismo, em decorrência de uma forte dependência do outro e pelo medo de ser abandonado pelos objetos de amor. Como uma maneira de substituí-los o sujeito tende a valer-se de objetos substitutivos, sendo esta uma alternativa economicamente propícia ao psiquismo, embora com conseqüências sintomáticas, conforme já discutimos. Nessa via, voltar-se ao uso de pornografia seria uma tentativa de restituir, de algum modo, a rede simbólica. Contudo, para esses sujeitos os conteúdos que permeiam o universo pornográfico são tóxicos e excessivos, sobrecarregando o psiquismo em função de algum nível de fragilidade em suas constituições psíquicas.

Subjacente ao discurso dos depoentes, percebemos que a pornografia, quando escolhida como um objeto adictivo, não pode realizar surpresas; ou seja, os usuários anseiam não ser frustrados por esse objeto quando se sentem compelidos a estar com ele. Assim, do mesmo modo que a um cuidador da infância, os indivíduos adictos procuram por segurança e proteção em sua vinculação com a pornografia. Tal demanda pode ser compreendida se considerarmos que o comportamento adictivo é marcado pela cisão egóica, a partir da qual há o predomínio da satisfação das demandas pela via da onipotência e da realização de aspectos pulsionais primários, conforme esclarece Ceccarelli (2011). Dessa forma, os usuários sentem que o objeto, no caso, a pornografia, estará presente sempre que for solicitado, principalmente se envolver a internet. Assim, ao se reportarem inconscientemente à pornografia em busca de proteção e segurança, percebemos a necessidade de satisfação de demandas primitivas. Logo, por especificidades desses depoentes, a pornografia é escolhida, pois, momentaneamente, presta auxílio ao sujeito na missão de lidar com ausências na sua rede simbólica, bem como propicia o rebaixamento do estado de desprazer e possui elementos capazes de assessorar na formação de algum tipo de identidade, mesmo que com distorções.

Segundo os relatos, majoritariamente o contato com a pornografia ocorreu antes dos 12 anos de idade e de modo solitário, ou seja, sem a devida mediação de um cuidador que pudesse exercer uma função simbolizante a respeito do que as crianças, ou os adolescentes, consumiam. Desse modo, podemos presumir uma falha na condição de prover significados a esses objetos culturais que, por conseqüência, criam dificuldades no estabelecimento de autonomia e de responsabilidades nesses usuários, favorecendo a dependência e a adicção. Por sua vez, se considerarmos que a personalidade neurótica é estabelecida pelo símbolo e pelo conflito nas relações objetais, no caso do sujeito adicto a fragilidade simbólica indica um modo de funcionamento psíquico não neurótico, que se conecta a obstáculos vivenciados na constituição do narcisismo e, conseqüentemente, na função egóica (Minerbo, 2013). De acordo com esta autora, como a libido não obteve representação pela via simbólica, todo e qualquer estímulo é percebido pelo sujeito como forte e suficiente para desintegrá-lo, pois ele encontra-se em um estado de vulnerabilidade egóica, gerando tensão. Desse modo, aquilo que não é suportado é evacuado no mundo

externo através de atuações, que provoca no sujeito um estado confusional e dificulta a integração de uma rede de representações estáveis que caminhem em direção ao pensamento reflexivo. Assim, o sujeito busca no objeto pornográfico a elaboração de suas angústias, pois não possui a continência interna necessária para lidar com estímulos tão intensos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora sem pretender esgotar o assunto, devido à abrangência e complexidade do fenômeno estudado, foi possível refletir a respeito do vício em pornografia. Deparamo-nos com relatos que evidenciam pessoas imersas em profundo sofrimento em função de como vivenciam uma relação intensa com um objeto-tóxico-pornográfico, mas que se configura como o único elemento em suas vidas capaz de lhes fornecer algum tipo de sentido, mesmo que problemático.

Evidenciamos o florescimento do cenário pornográfico, especialmente no ambiente virtual, bem como o consumo excessivo da pornografia, quando se constitui num excesso particularmente no nível intrapsíquico. Como tentativa de explicar o excesso, supomos que a economia psíquica na relação com a pornografia tinha como finalidade minimizar as sensações de desprazer e evitar situações que promovessem qualquer ameaça a essa condição, numa tentativa de “restaurar um estado anterior de coisas” (Freud, 1920/1996b, p. 68). Ou seja, por estarem infelizes com o rumo de suas vidas e/ou com o retorno de angústias não elaboradas em seu passado, o caminho possível foi a pornografia, ansiando insistentemente pelo reencontro com um estado de plenitude, evitando desprazer. É como se recorressem a um atalho nessa busca frenética por um estado de completude, através do qual se pudesse evitar a dor, a angústia, o confronto com os conflitos não resolvidos do passado.

Mas a satisfação obtida pelos adictos é parcial e se afasta do propósito de Eros, a união entre os pares, sendo que o clímax é alcançado de modo solitário por meio do ato masturbatório. Em conformidade a uma cultura que nos impõe ideais individualistas e narcísicos e de particularidades intrínsecas a cada sujeito, o comportamento adictivo foi percebido como uma tentativa desesperada por parte dos depoentes de não se sentirem solitários, em meio à demanda por amparo e temor à solidão. Em consequência dessa escolha, o próprio objeto lança o sujeito a uma situação de intenso sofrimento, pois as mensagens transmitidas por esse objeto sobrecarregam o psiquismo de cada depoente.

Reconhecemos o sofrimento gerado por essa modalidade de vício como de ordem narcísica, com a manifestação frequente de sentimentos, como aniquilamento, vergonha, culpa, humilhação, entre outros. Em suma, presumimos que os depoentes indicados nessa pesquisa confiaram à pornografia a função que em um momento anterior de suas vidas deveria ter sido realizada por algum cuidador. Assim, é mantida com o objeto substitutivo

uma relação primária, semelhante àquela com o primeiro objeto de amor, o que impossibilita a integração egóica e o desenvolvimento da autonomia e da individuação.

Por fim, salientamos que a problematização realizada a respeito do vício em pornografia é um fenômeno com direcionamentos sociais, psicológicos e de saúde pública. Mais pesquisas acerca desse fenômeno poderão, além de aprofundar as discussões, auxiliar nos processos de definição de propostas governamentais ligadas à saúde pública, voltadas aos sujeitos que estão em estado de sofrimento, que necessitam se esconder por trás de pseudônimos para poderem relatar suas angústias e buscar algum tipo de ajuda.

REFERÊNCIAS

Castelo Filho, C. (2012). Juntos, porém sós: a possibilidade ou a impossibilidade de encontros humanos - problemas do mundo atual ou velhos problemas com novas vestimentas? *Reverie - Revista de Psicanálise*, 5(1), 66-77.

Ceccarelli, P. (2011). Reflexões sobre a economia psíquica das adições. *Reverso*, 33(62), 69-77. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200008&lng=pt&tlng=pt

Costa, J. F. (2013). A simbolização e a clínica da adicção. In: L. C. Figueiredo; B. B. Savietto & O. Souza (Orgs.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 85-94). São Paulo: Escuta.

Costa, R. M. (2011). A civilização da imagem e os vícios eletrônicos. *Rêverie: Revista de Psicanálise*. 1(4), 201-210.

Faria, D. (2018). Consumo de porno continua a aumentar. *CM Jornal*. Recuperado de: <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/consumo-de-porno-continua-a-aumentar>

Fernandes, N. (2020). Consumo de pornografia registra alta durante pandemia. *Surgiu*. Recuperado de: <https://surgiu.com.br/2020/09/30/consumo-de-pornografia-registra-alta-durante-pandemia/>

Freud, S. (1996a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. VII, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

Freud, S. (1996b). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (1996c). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930).

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: S. Freud. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

Galatzer-Levy, R. (2012). Obscuring desire: a special pattern of male adolescent masturbation, internet pornography, and the flight from meaning. *Psychoanalytic Inquiry*, 32(5), 480-495. <http://doi.org/10.1080/07351690.2012.703582>

- Gaspar, M., & Carvalheira, A. (2012). O consumo de pornografia na internet numa amostra de mulheres portuguesas. *Psychology, Community & Health*, 1(2), 163-171. <http://doi.org/10.5964/pch.v1i2.27>
- Gurfinkel, D. (1995). *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Leite, J. (2012). Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu*, (38), 99-128. <http://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100004>
- Minerbo, M. (2013). *Neurose e não neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22, 7-32.
- Orenstein, J. (2017). O que os dados de uma década dizem sobre o consumo de pornô na internet. *Nexo Jornal Ltda*. Recuperado de: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/O-que-os-dados-de-uma-d%C3%A9cada-dizem-sobre-o-consumo-de-porn%C3%B4-na-internet>
- Parreiras, C. (2012). Altporn, corpos, categorias e cliques. *Cadernos Pagu*, (38), 197-222. <http://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100007>
- Peres, U. T. (2001). Por que a culpa?. In U. T. Peres (Org.). *Culpa* (pp. 7-14). São Paulo: Escuta.
- Real, H. (2017). Consumo de pornografia volta a crescer na internet. *CM Jornal*. Recuperado de: <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/consumo-de-porno-na-internet-aumenta>
- Silver, C. (2018). Pornhub 2017 Year In Review Insights Report Reveals Statistical Proof We Love Porn. *Forbes*. Recuperado de: <https://www.forbes.com/sites/curtissilver/2018/01/09/pornhub-2017-year-in-review-insights-report-reveals-statistical-proof-we-love-porn/#121be7f624f5>
- Wood, H. (2014). Internet offenders from a sense of guilt. In: A. Lemma, & L. Caparrotta. *Psychoanalysis in the Technoculture Era* (pp. 114-128). London, New York: Routledge.
- Woods, J. (2015). Seeing and being seen: the psychodynamics of pornography through the lens of Winnicott's thought. In: M. B. Spelman & F. Thomson-Salo. *The Winnicott tradition: lines of development – evolution of theory and practice over the decades* (pp. 163-174). London: Karnac.